

Oficina

**ESPIRITUALIDADE NA VIDA:
PRÁTICAS DE ORAÇÃO
E LEITURA BÍBLICA**



ÍNDICE

- 3** Introdução
- 5** *Lectio Divina*
- 12** Colar de Oração
- 22** Avaliando Experiências

Espiritualidade é um tema que vem aparecendo com mais frequência no mundo; porém, é presente na vida da cristandade desde sempre. Em outras palavras, “espiritualidade é a forma com a qual a pessoa cristã ou a comunidade expressa sua fé. Ela é expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito”.³ Ou seja, a espiritualidade é uma dimensão do ser humano, que pode ser despertada e expressada de diversas formas. Justamente por isso, é necessário que cuidemos dela, demos atenção nutritiva, para que esteja saudável e forte, de maneira a contribuir para uma vivência digna.

Como afirma Butzke⁴, a igreja luterana tem dificuldade de ensinar práticas e exercícios espirituais, por causa de sua história e teologia. A igreja encoraja as pessoas cristãs a se concentrarem na espiritualidade que a comunidade e Cristo demonstraram na vida. Essa espiritualidade é a maneira física como a cristandade mostra sua fé, em sintonia com o Espírito, motivando sua fé interior. Butzke sugere salvar formas históricas de espiritualidade cristã, incluindo a espiritualidade dos padres do deserto, assim como Martinho Lutero, sugerindo uma agenda para renovar a espiritualidade cristã entre as pessoas luteranas.

De onde vem a palavra espiritualidade?

O termo espiritualidade remonta ao adjetivo latino *spiritualis*, tradução do grego *pneumáticos* (1Co 2.14-3.3), designando o ser humano (*homo spiritualis*) inspirado e determinado pelo Espírito de Deus. O conceito moderno de espiritualidade tem sua origem na palavra francesa *espiritualité*, que, desde o século XVII, no âmbito da teologia das ordens religiosas católicas francesas, é o termo técnico para a relação pessoal com Deus e a vivência da fé.

O que é espiritualidade?

Espiritualidade é a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo. Ela inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão. Trata-se, portanto, da vivência da fé sob as condições da vida cotidiana, abrangendo as dimensões individual, familiar, comunitária e social.⁵

³ BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. Estudos Teológicos, v. 43, n. 2, p. 104-120, 2003. Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4302_2003/et2003-2pbut.pdf

⁴ BUTZKE, 2003, p.104.

⁵ BUTZKE, Espiritualidade. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p.387-391.

Para vivenciar e experienciar a espiritualidade cristã, não precisamos de nada complexo ou especial. A espiritualidade está presente em momentos muito simples do nosso cotidiano. Posso me conectar com Deus enquanto lavo louça, enquanto limpo minha casa, enquanto cuido do jardim, no caminho do trabalho, ou enquanto simplesmente sou e estou. Nos momentos em que a vida ordinária é colocada em evidência é que a espiritualidade cristã acontece. Por exemplo, uma pessoa do interior, que levanta de madrugada e vai buscar as vacas no pasto para tirar leite. Ela vê as estrelas e eventualmente o luar, acompanha o dia amanhecendo, os pássaros e demais animais acordando. Contempla tudo isso e se vê em meio à maravilhosa criação. Para essa pessoa, o início do trabalho cotidiano se torna, ou pode se tornar, uma prática espiritual.

Parte da tradição cristã de confissão luterana vivencia a espiritualidade de forma coletiva nas várias celebrações litúrgicas. Porém, frequentemente, esquecemos de olhar para os momentos de vivência individual e também para nossa relação com Deus. Portanto, conhecer as várias formas de vivenciar a espiritualidade através da história nos faz reconhecer que, muitas vezes, imaginamos situações muito diferentes das quais acreditamos ser onde a espiritualidade acontece.

Quando olhamos para a figura de Jesus Cristo, encontramos um exemplo de vivência e espiritualidade. No evangelho segundo Marcos, no primeiro capítulo, versículo 35, temos escrito: *“tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava”*. Ou seja, a experiência de Jesus é muito simples: retirar-se e orar. E quando perguntado como se deve orar, Jesus responde: *“tu, porém, quando orares entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu pai que está em secreto; e teu pai, que vê em secreto te recompensará”*. Isso está anotado no evangelho segundo Mateus, capítulo 6, versículo 6, logo antes do ensinamento da oração do Pai Nosso.

Ao observarmos essas experiências de Jesus, percebemos que orar é uma parte importante dessa espiritualidade vivenciada. E que deve ser um exercício regular, pois encontramos referências em toda a tradição judaica. Mas não só a oração era parte da espiritualidade de Jesus. Ouvir, orar, compartilhar, testemunhar e agir, são os muitos verbos da espiritualidade que encontramos em Jesus. Lendo os evangelhos, na busca por esses verbos de espiritualidade, podemos perceber que existe em Jesus um equilíbrio entre o envolvimento com o povo, estar em comunidade, e também com o retirar-se para o exercício espiritual de forma individual.

Lectio Divina

Material Necessário:

Cada participante deve providenciar e levar para a oficina	1 bíblia, 1 lápis
Organização do local deverá providenciar	Local confortável para sentar-se
Ministrantes da oficina providenciarão	Para o centro: toalha, vela, cruz e flor

Experimentando a *Lectio Divina*

Para experimentar a *Lectio Divina*, é preciso que tenhamos alguns cuidados. Um deles é com o ambiente. É fundamental que o clima seja respeitoso, com um lugar confortável para sentar-se, sem pressa, sem interrupções, sem barulhos externos. É importante lembrar que esse é o momento em que nos conectamos com o sagrado, estamos na presença de Deus. Uma sugestão é preparar o local com uma vela, cruz, flor e bíblia.

Além da organização do espaço, é importante atentarmos para aquilo que será compartilhado com o grupo, indicar que tudo que for compartilhado será guardado em sigilo absoluto pelo grupo. Sem essa segurança, a experiência da *lectio divina* não será plena.

Defina, então, quem fará as leituras e explique a forma como serão feitas. Lembre-se de verificar quantas versões há no grupo, para que cada leitura contemple uma tradução. Existem diferentes formas de vivenciar a experiência da *lectio divina*. Abaixo, seguem os 11 pontos indicados por Iára Müller em seu texto⁶:

1. Invocação trinitária com acendimento de uma vela.
2. Segue-se a primeira leitura do texto, no seu tempo, sem pressa alguma. Durante a leitura, é preciso atentar para alguma palavra, frase ou até versículo que nos chame atenção.
3. Silêncio para reflexão.
4. Após o período de silêncio, cada pessoa compartilha com o grupo aquilo que ressaltou do texto. É importante lembrar que esse não é um momento de conversa e de discussão de ideias divergentes, mas um momento de acolhida, sem nenhum julgamento.
5. Após esse momento, lemos o texto pela segunda vez, muito devagar. Cada palavra é única, cada palavra tem o seu tempo. Durante essa leitura, focamos no que o texto nos fala hoje, aquilo que eu vejo, sinto, entendo, aquilo que se amplia na minha vida (valorizar as diferentes traduções bíblicas que o grupo tiver).

⁶ MÜLLER, Iára. *Lectio Divina* ou Leitura Orante da Bíblia. Tear: liturgia em revista, São Leopoldo, n.29, p. 8-9, set. 2009.

6. Novamente, seguimos com um pouco de silêncio para reflexão.
7. Novamente, compartilhamos nossas ideias e ouvimos o que as outras pessoas têm a dizer, sem interrupções e sem julgamentos.
8. Seguimos para terceira e última leitura do texto, que, mais uma vez, deve ser feita lentamente. Nesse momento, a nossa atenção se volta para aquilo que gostaríamos de responder à descoberta que fizemos a partir daquele texto, a partir da palavra que nos impactou, do que o texto nos diz hoje.
9. Esse passo é novamente de silêncio, mas um silêncio que reflete as perguntas: como quero responder ao que aprendi do texto? Que compromisso eu quero assumir diante do grupo, a partir do que se revelou para mim?
10. Esse passo é bastante livre. Nele, é possível compartilhar a reflexão e o compromisso com todas as pessoas, ou é possível que a pessoa convide o grupo a fazer uma oração em voz alta a partir daquilo que refletiu individualmente. Novamente, é importante lembrar que não é o momento de discussão em grupo, mas, sim, de compartilhamento daquilo que foi lido e refletido.
11. Depois que todas as pessoas compartilharam aquilo que perceberam durante a leitura, encerramos com a oração do Pai Nosso, na maneira que for conveniente. Ao final da oração, apagamos a vela.

Outra forma de fazer a *Lectio Divina*

Outra forma, ainda, é experimentada na seguinte maneira: cada pessoa com sua bíblia nas mãos, com o texto aberto, é convidada a ler o texto em voz alta, mas com um volume reduzido, a fim de que ouçamos os murmúrios das leituras das outras pessoas, mas sem que essa leitura nos atrapalhe e sem que nossa leitura atrapalhe as outras pessoas.

A pessoa que conduz a *lectio divina* chama atenção para detalhes do texto, para personagens, indicando a forma como a próxima leitura deve ser feita. Por exemplo, se estamos lendo o texto de Marta e Maria, podemos, uma hora, ler o texto estando Marta enraivecida com Maria sentada aos pés de Jesus. De que maneira seria essa leitura? O mesmo texto pode ser lido na perspectiva de Maria entristecida com Marta diante dos questionamentos que ela faz. Muitas outras formas podem ser indicadas. Isso tudo dependerá do texto, do grupo e também da pessoa que conduz a leitura. Após o tempo da leitura, sempre é possível compartilhar aquilo que nos surge e nos é provocado por ela. Da mesma maneira que a outra forma de *lectio divina*, é importante atentarmos para o espaço, para os confortos e desconfortos do corpo, para as nossas interações, para como o texto nos fala naquele momento.

Entendendo a *Lectio Divina*

A leitura bíblica é uma maneira muito importante para as pessoas cristãs nutrirem sua espiritualidade. É através do ler e ouvir os relatos de povos que vivenciaram no cotidiano a manifestação de Deus que, também nós, podemos perceber e experimentar Deus em nossa vivência, partilhando isso com quem nos rodeia. *“O que está na Bíblia não está só na Bíblia. Está também na vida das pessoas. Abrindo a Bíblia, você não abre um livro estranho, mas sim um livro que fala de você, da sua vida, da sua caminhada e luta.”*⁷

⁷ LEITURA Orante da Bíblia. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2001. p. 7.

A prática da *lectio divina* é uma prática consciente de leitura da Palavra, porém,

“Quando praticamos a *Lectio Divina*, não devemos estar preocupados em estudar a Palavra de Deus para aumentar nosso conhecimento bíblico, nem para mostrar aos outros o que sabemos daquele texto, muito antes pelo contrário: devemos nos conscientizar de que vamos ler a Palavra para ouvir profundamente o que Deus tem a nos dizer hoje, para o nosso dia a dia, para a nossa vida de fé.”⁸

Através dessa forma consciente de leitura podemos perceber o Espírito Divino dialogando conosco e nos orientando. Conseguimos nos sentir como pessoas destinatárias da mensagem de Deus. Assim, “*na leitura orante, a Bíblia é, antes de tudo, palavra falante. O que interessa é a comunicação, o diálogo com Deus.*”⁹

De onde surgiu a *Lectio Divina*?

Ela faz parte da tradição viva da Igreja. É a leitura que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento e que as primeiras comunidades cristãs fizeram para enfrentar os problemas e desafios da realidade. Um grande teólogo de Alexandria, Orígenes, do século III, criou a expressão *Lectio Divina*, que se pode perfeitamente traduzir por “leitura orante”.¹⁰

No decorrer do tempo, ela foi sendo adaptada, sempre respeitando o contexto em que foi e é praticada. “*Um grande divulgador deste jeito de ler a Bíblia é o teólogo católico Carlos Mesters. No Brasil, a Lectio Divina é mais conhecida como Leitura Orante da Bíblia.*”¹¹ É uma leitura bastante apropriada para grupos ecumênicos, visto o ambiente respeitoso que deve haver durante a experiência.

⁸ MÜLLER, 2009, p. 8.

⁹ LEITURA, 2001, p. 20.

¹⁰ LEITURA, 2001, p.13.

¹¹ MÜLLER, 2009, p. 8.

O motivo de usarmos o nome leitura orante é que “*para ser divina, tem de ser orante, pois a oração cristã tem um componente divino (Romanos 8.15-26). É a leitura que fazemos da Bíblia para alimentar nossa fé, nossa esperança e nosso amor ou compromisso de solidariedade*”.¹² Desse modo, em preparação para a prática e durante a *lectio divina*, devemos nos colocar de forma passiva diante do texto bíblico, sem julgamentos e sem impor ou sobrepor conhecimentos que já temos sobre aquilo que estamos vendo e ouvindo. Essa passividade está baseada na recomendação que Eli faz para Samuel: “*Fala, porque o teu servo ouve*” (1 Samuel 3.9).¹³

No livro do Centro de Estudos Bíblicos são explicados quatro degraus¹⁴ da *lectio divina*: leitura, meditação, oração e contemplação. Esses degraus buscam desdobrar as seguintes questões, em sequência: 1. O que diz o texto? 2. O que diz o texto para mim, para nós? 3. O que vou responder a Deus? Assumo ou não assumo? 4. Patamar final de um lance e o patamar inicial para um novo lance de degraus. Quanto à metodologia proposta, em resumo:

A Lectio Divina teve um princípio bem simples, jorrando de um impulso espontâneo: 1. ler e escutar, reler e repetir, até gravar o que está escrito; 2. repetir de memória o que se gravou até que passe para o coração e entre no ritmo da própria vida; 3. responder a Deus na oração e pedir que nos ajude a praticar o que sua Palavra nos pede; 4. o resultado é uma nova luz que nos permite enxergar o mundo de uma maneira nova e nos leva a comprazer-nos plenamente na Palavra. E recomeça todo o ciclo ler/escutar, meditar, orar e contemplar num processo que não termina nunca e sempre se renova, isto é: traz a boa novidade.¹⁵

¹² LEITURA, 2001, p. 15.

¹³ MÜLLER, 2009, p. 8.

¹⁴ LEITURA, 2001, p. 20-33.

¹⁵ LEITURA, 2001, p. 19-20.

Por fim, porém não menos importante, vale destacar a avaliação de Iara Müller quanto ao resultado da experiência com essa forma de ler a Bíblia. Para ela,

A Lectio Divina liga nossa fé com nossa vida, nos faz perceber que viver assim, imersos na nossa espiritualidade, imprime outro sentido nela, sentir-nos-emos corresponsáveis pelo cuidado de toda a criação, como perseguidores da justiça e da paz e nos perceberemos interligados e interdependentes de toda a humanidade. Através da *Lectio Divina*, Deus fala para dentro do nosso cotidiano, nos aponta onde podemos mudar, onde podemos agir e o que Ele espera de nós.¹⁶

Assim, pretendemos fornecer uma ferramenta que auxilie na alimentação da espiritualidade de nossas irmãs e nossos irmãos na fé. Para que encontrem força, ânimo e orientação para os desafios do dia-a-dia, e que também possam experimentar a presença e atuação de Deus em suas vidas.

¹⁶ MÜLLER, 2009, p. 9.

Colar de Oração

Material Necessário:

Cada participante deve providenciar e levar para a oficina	1 kit de pérolas por pessoa, sendo: 1 pérola de ouro (ou amarela) 7 pérolas alongadas bege claro 4 pérolas brancas pequenas 2 pérolas brancas grandes 1 pérola de cor areia ou marrom 1 pérola azul escuro 2 pérolas vermelhas 1 pérola lilás ou roxa 1 pérola verde 1 pérola preta
Organização do local deverá providenciar	Local confortável para sentar-se
Ministrantes da oficina providenciarão	Fio de silicone Tesoura Para o centro: toalha, vela, cruz e flor.

Entendendo e montando o colar:

Deus quer se relacionar conosco, das formas mais íntimas e autênticas possíveis, e usa as comunidades de fé como um espaço para promover essa relação. Nos capacita para encontrarmos e criarmos ferramentas de aproximação com ele. Há momentos na vida em que precisamos de algum elemento concreto, algo material, que guie nossa prática espiritual e essa aproximação aconteça. Também há pessoas que dizem não saber como orar, por quais motivos, em qual ordem. Por isso, através desta oficina, vamos compartilhar um material muito simples e prático, que nos auxilia a criar e manter o hábito de oração, de forma que tenhamos um tempo para dialogar com Deus a nosso respeito e a respeito daquilo que nos rodeia.

O **Colar de Oração**¹⁷, também conhecido como Pérolas da Fé, foi desenvolvido em 1996 por Martin Lönnebo, bispo da Igreja Evangélica Luterana na Suécia. Conta-se que, durante uma viagem à Grécia, Martin precisou ficar por alguns dias numa ilha muito pequena, por conta de uma tempestade. Durante os dias que esteve lá, ele refletiu sobre as vivências de fé e as necessidades espirituais das pessoas dos tempos modernos. Então, Martin criou o colar de oração, para servir de introdução e orientação para a prática da oração e a prática da autor-reflexão. O colar é mundialmente conhecido, em especial, por seu caráter ecumênico.

Quando cuidadosamente preparado, o colar de oração permite, a partir de pedras, sementes ou pérolas e seus significados, um “caminhar” pela vida de fé. Originalmente, são ¹⁸ pérolas que formam um círculo, que tem por início e fim a pérola maior, de ouro luminoso. Nós acrescentamos três pérolas (uma para o kyrie, uma para a natureza e uma para o silêncio), pois entendemos que em todos os tempos a natureza e as dores do mundo clamam por um espaço em nossas orações. Esperamos e desejamos que o colar de oração nos auxilie a perseverar na união com Deus.

¹⁷ Liturgia e descrição elaboradas pela catequista Erli Mansk, posteriormente adaptadas e ampliadas por nós para as oficinas do Seminário Comunidades Criativas.

As pérolas variam em forma, cor e tamanho. Seus nomes indicam sua importância, conforme explicação a seguir:



1. Pérola de Deus: a pérola de ouro (ou amarela) lembra o brilho do sol, que proporciona a vida na terra, assim como o Criador dá e sustenta a vida. Também lembra um tesouro valioso, que nos leva a perguntar sobre o que é mais precioso em nossa vida. A pérola de Deus é o princípio e o fim do colar, assim como Deus o é em nossa vida. Dele viemos e para Ele retornaremos. O fundamento da nossa fé está Nele, que nos acompanha de forma invisível, como o raio do sol.

2. Pérolas do Silêncio: sete pérolas do silêncio estão espalhadas em vários pontos da pulseira. Alongadas, em um tom bege claro, elas funcionam como um conector entre as pérolas, mas também podem servir como um elemento de interrupção. Elas convidam a nos livrarmos das preocupações. No silêncio, respirando profundamente, relaxando, cada pessoa pode se encontrar, pode “ser” sem ter que “fazer” e se abrir para o que está dentro de si, pode abrir-se para Deus. Também podemos dizer que são momentos de oração individual dentro da oração coletiva.

3. Pérola do Eu: pequena pérola branca ao lado da grande pérola de Deus, ligada a ela pela pérola do silêncio. Ela encoraja-nos a pensar sobre nós mesmos. Isso pode ser fácil para uns e difícil para outros: tem a ver com o jeito de ser de cada pessoa, com autoimagem e auto-avaliação. Tocando nela, lembramos de quando pensamos sobre nós mesmas ou nós mesmos pela última vez, de quanto “eu” colocamos na nossa vida, e se não exageramos nessa questão. Lembramos o quanto temos cultivado nossa espiritualidade.

4. Pérola do Batismo: encostada na pequena pérola branca do “eu”, está a grande pérola branca do batismo. A nossa vida se une ao sim de Deus. A vida é um dom que se recebe, e o batismo é uma declaração do amor de Deus. A água do batismo limpa corpo e alma, liberta de culpa e dá um novo início; tudo o que nos separa de Deus desaparece. A pérola do batismo lembra que fomos batizadas e batizados com água em nome do Trino Deus, e que recebemos sua bênção com o sinal da cruz.

5. Pérola do Silêncio!

6. Pérola do Deserto: ela está entre duas pérolas do silêncio e é de cor areia. O deserto representa a privação, a seca, a provação e a solidão. Sobreviver no deserto é difícil. No símbolo do deserto, identificamos as lutas da vida, ou as culpas que carregamos. Nessa pérola, podemos depositar nossa fraqueza, nossa exaustão. No entanto, desertos também são lugares de clareza e de decisão, é o lugar onde Jesus é vocacionado.

7. Pérola do Silêncio!

8. Pérola da Serenidade: cercada por pérolas do silêncio, brilha a pérola da serenidade em azul escuro. Sua cor lembra o céu, o mar e a imensidão do horizonte. A pérola da serenidade quer ser uma contrapartida para os encargos, as obrigações e desafios do dia-a-dia. A pérola da serenidade pergunta: “o que você pode deixar de fazer?” Tomar distância das coisas, exercitar a paciência e serenidade são atitudes de libertação. Essa pérola lembra a graça de Deus que não exige de nós o sucesso e o melhor lugar, mas nos presenteia tudo isso.

9. Pérola do Silêncio!

10 e 11. Pérolas do Amor: para o amor existem duas pérolas vermelhas, pois para o amor sempre existem dois: um “eu” e um “tu”, um dar e um receber. A cor lembra fogo e Espírito, paixão e sofrimento e, portanto, aponta para a ambivalência do amor. Na fé cristã, o amor tem relação com as pessoas e com Deus, que é a fonte de todo amor. Deus deu a vida de seu Filho como sinal de seu amor por nós. Fica o convite: seja em quem for, alegra-te pelo amor que experimentas e guarda-o vivo em teu coração.

12. Pérola do Kyrie: logo ao lado das pérolas do amor, temos a pérola que, movida pelo amor, não se conforma com as dores do mundo. Através de uma pérola lilás, queremos lembrar das inúmeras situações de sofrimento e clamar por piedade. Queremos identificar e reconhecer quando nosso testemunho comunitário não promove a vida digna para toda a criação. Aqui, pedimos: “pela paz no mundo, pela salvação e pela libertação daquilo que nos faz sofrer, olha para teu povo, Senhor, e tem misericórdia”.

13. Pérola da Natureza: na sequência, uma pérola verde quer lembrar da natureza. Com ela convivemos, a partir dela suprimos nossas necessidades físicas, contemplamos a grandeza na qual Deus nos inseriu. Como boa criatura de nosso Deus, foi feita para viver em harmonia e dignamente, não para ser explorada, devastada e destruída. Por meio dessa pérola, podemos assumir o compromisso da preservação ambiental, através de ações diárias, do ensino e da denúncia daquilo que mata desde as minúsculas até as gigantescas formas de vida do planeta.

14. Pérola do Silêncio!

15, 16 e 17. Pérolas dos Segredos: podemos perceber a realidade exterior através dos cinco sentidos: ver, ouvir, cheirar, degustar, apalpar. Mas, isso não é tudo. Sonhos, medos e paixões ficam frequentemente escondidos. Por isso, temos as três pérolas dos segredos, em tons de branco. O ser humano é um grande mistério, muitas vezes até para si mesmo. Toda pessoa tem segredos: algo que não deseja ou não pode compartilhar, ou segredos que ouviu e jurou não contar. As pérolas dos segredos são o lugar para tudo isso. Diante de Deus não precisamos esconder nada, pois Ele nos aceita por inteiro. Com Deus, podemos falar sobre tudo.

18. Pérola da Noite: a pérola preta, lembrando a noite, se encaixa logo após as pérolas dos segredos e sinaliza para as partes sombrias da vida: o medo, o abandono, a solidão e a morte. Aqui, a dor, o sofrimento, o luto pelas pessoas que morreram ou que nos deixaram, têm o seu lugar. Nessa pérola, podemos colocar nossos questionamentos diante de Deus: por que Deus permite tantas coisas neste mundo? Onde Deus estava quando precisei? O sofrimento do nosso próximo também pode ser colocado diante de Deus. Quem olha para a cruz, olha para o rosto de amor de Deus, que fez do sofrimento do mundo o seu próprio sofrimento.

19. Pérola do Silêncio!

20. Pérola da Ressurreição: quase no final do colar, temos outra grande pérola branca, da ressurreição. Ela representa o caminho da morte para a vida, do desespero à esperança. A morte não tem a última palavra, pois as forças da vida são mais fortes. A pérola da ressurreição simboliza a esperança que está viva em nós e que pode criar uma nova vida e um novo começo. Às vezes, são coisas pequenas que nos acontecem, que nos inspiram e que nos levam a trilhar novos caminhos. Essa pérola nos conduz para a manhã da Páscoa, da alegria, e para os renascimentos e novos caminhos que trilhamos.

21. Pérola do Silêncio!

Orando com o colar

Preparação: quando a oração for feita em grupo, escolha uma pessoa para ler as orações. É necessário orientar o grupo que a cada oração seguramos uma pérola, e, ao final de cada oração, realizamos uma breve pausa para trocar de pérola. O mesmo será feito ao orar de forma individual.

Acenda uma vela (opcional). Sente-se de maneira confortável. Feche os olhos ou fique olhando para o colar, como achar melhor.

Oremos:

1. Pérola de Deus: ó Deus, és doador da minha vida. Estás comigo e me acompanhas. Tu me conheces e sabes do que necessito. Envia teu Espírito.

(Breve silêncio para colocar-se diante de Deus)

2. Pérolas do Silêncio: Em silêncio, descanso em ti, Deus amado. Livra-me das minhas preocupações! (Breve silêncio)

3. Pérola do Eu: Eu olho para dentro de mim, ó Deus – o que vejo? Quem eu vejo? Sou tua, sou teu. Tu me conheces e me amas. Em ti estou em segurança.

4. Pérola do Batismo: No batismo, amado Deus, declaraste o teu amor por mim. Me libertaste do poder do mal, iniciaste uma nova jornada comigo. No batismo, tu me tornaste tua filha, teu filho, e me fizeste pertencer ao Corpo de Cristo, me deste muitas irmãs e muitos irmãos. Graças te dou, por tudo o que fizeste por mim, por nós.

5. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

6. Pérola do Deserto: Deus de amor, nos desertos da vida, tu estás comigo. Na minha luta de todos os dias, no trabalho, nas tentações, nas dúvidas, nas adversidades, no cansaço e na solidão. Em tudo, tu me sustentas!

7. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

8. Pérola da Serenidade: Deus de ternura, em ti temos a agradável sensação de leveza. Ajuda-me a desfazer-me dos pesos e das cargas desnecessárias. Ensina-me a exercitar a paciência e a generosidade. Por tua graça, dá-me serenidade.

9. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

10. Pérola do Amor 1: Deus é fonte de amor. Teu amor me basta. Sentir-me em teu colo é tudo que necessito.

11. Pérola do Amor 2: Dá que nos rios da minha vida corram amor e que eu saiba amar as tuas criaturas e a criação inteira. Que meu ser seja inundado por teu amor.

12. Pérola do Kyrie: Pela paz no mundo, pela salvação e pela libertação daquilo que nos faz sofrer, olha para teu povo, Senhor, e tem misericórdia.

13. Pérola da Natureza: Quero viver em harmonia com toda a tua criação, Senhor. Tu és perfeito e criaste toda a natureza com perfeição. Ajuda-me a entender e preservar essa tua perfeição tão diversa.

14. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

15, 16 e 17. Pérolas dos Segredos: Deus onipresente, tu sondas meu íntimo, conheces-me mais do que eu mesma, do que eu mesmo. Tu nos aceitas do jeito que somos. Receba os meus segredos mais profundos. (Repetir três vezes, intercalando com uma pausa)

18. Pérola da Noite: Deus de misericórdia, diante de ti entrego os sofrimentos que carrego. Alivia a minha dor, a minha angústia, a minha escuridão, o meu vazio. Mostra-me a tua luz quando não consigo mais enxergar.

19. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

20. Pérola da Ressurreição: Deus da esperança, em Jesus nos deste vida, perdão, cura, salvação. Por tua graça, um novo caminho se abre diante de mim. Nele, tu caminhas junto. Tua paz toma conta de mim. Teu amor me preenche! Graças pela vida, graças por tua companhia, graças pela esperança que se renova aqui dentro de mim.

21. Pérola do Silêncio! (Breve silêncio)

1. Pérola de Deus: Minha oração termina junto a ti, meu Deus.

Pai Nosso: (todas as pessoas do grupo oram em conjunto, em voz alta) Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Bênção: Que as dádivas divinas se multipliquem pelo teu caminho. Que o sopro do Espírito seja refrigerio e esperança. Que o Senhor Jesus seja a inspiração para servir e amar. Que a bênção de Deus te envolva em cuidado e proteção. **Amém.**¹⁸ (Apagar a vela.)

¹⁸ Bênção elaborada pela pastora Dione Carla Baldus e publicada no e-book A Palavra na Liturgia, 4ª edição. Disponível em: <https://beatitude.com.br/index.php/crl/>

Outras formas de fazer o colar



É possível produzir outras formas de colar de oração, com motivos personalizados, ou seja, cada pessoa escolhe os motivos pelos quais quer orar. Em um encontro de estudantes de teologia, produzimos os colares da imagem ao lado.

Os motivos de oração escolhidos para o colar da direita foram os seguintes:

- 1 - Deus
- 2 e 3 - Família
- 4 - Eu em relação ao motivo anterior
- 5 - Comunidade onde estou
- 6 - Eu em relação ao motivo anterior
- 7 e 8 - Autoridades governamentais
- 9 - Eu em relação ao motivo anterior
- 10, 11 e 12 - Injustiças no mundo
- 13 - Eu em relação ao motivo anterior
- 14 e 15 - Agradecimentos
- 16 - Amizades
- 17 - Eu em relação ao motivo anterior
- 18 - Minha vida
- 19 e 20 - Duas pessoas
- 21 - Pai Nosso



Quando se opta por essa forma de colar personalizado, é possível pedir que algumas pessoas, aquelas que se sentirem à vontade, compartilhem com o grupo os motivos de oração escolhidos. No entanto, deve ser garantido o sigilo e respeito pelas escolhas das pessoas. Ninguém deve ser obrigado ou constrangido a partilhar suas escolhas. Também se sugere que todos os colares terminem com o Pai Nosso. Dessa forma, é feito uma oração silenciosa, em que cada pessoa ora pelos seus motivos, e todas finalizam em conjunto com o Pai Nosso.

Ainda, outra maneira é “desconstruir” o colar, colocando-o no chão em forma de coroa, como indica a imagem¹⁹ ao lado, criando uma dinâmica de oração de acordo com o público-alvo.

Avaliando as experiências

Reserve um momento para quem quiser compartilhar sua experiência com a oficina, lembrando que não há espaço para julgar a experiência das outras pessoas, apenas avaliar a própria experiência e os métodos usados.

¹⁹ Imagem retirada do blog Dialogizar, disponível em: <http://dialogizar.blogspot.com/2018/07/fralsarkransen-contas-de-oracao-de.html>

Este e-book da oficina ***Espiritualidade na Vida: práticas de oração e leitura bíblica*** é uma publicação da IECLB - Secretaria da Ação Comunitária/Coordenação de Educação Cristã/ Coordenação de Liturgia/Beatitude: Centro de Espiritualidade, Psicologia e Bem Viver e Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST

Organização: Catequista Maria Dirlane Witt e Catequista Erli Mansk

Revisão ortográfica: Susanne Buchweitz

Texto: Eriksson Tomaselli e Mirian Bartz

Projeto gráfico, capa e diagramação: Suzana Cristina Witt

Realização: Seminário Comunidades Criativas, da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB

Apoio: Obra Missionária Evangélico-Luterana da Baixa Saxônia (OMEL)

e Fundo da Educação Cristã Contínua da IECLB

Coleção Oficinas Comunidades Criativas, volume 3

© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2022

Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar

90020-180 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

www.luteranos.com.br

